

BOSQUEJO DA HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Almeida Garrett

ADVERTÊNCIA

Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém esta minha repugnância não é filha de presunção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nasceram da persuasão, em que estou, de que a justificação de uma coisa está na maneira por que essa coisa se faz. E aplicando esta generalidade às composições literárias, cada vez me convenço mais que os prólogos, prefácios, avisos a leitores, etc. nada fazem, nem fizeram, nem farão nunca ao conceito que da obra se forma.

E princípio foi este, porque na fachada do meu poema não pus tal cerimônia. Revendo-o, porém agora, examinando este ensaio, e conhecendo-lhe infintos defeitos, que me tinham escapado; sendo-me impossível emendá-los; resolvo-me a dar satisfação; não para pretender justificá-los, e salvar-me da crítica com sutilezas, e argúcias; mas para fazer confissão pública deles.

Se me é lícito, porém dizer duas palavras em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infância poética; são compostos na idade de dezessete anos. Isto não é impostura: sobejas pessoas há, que me viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo até agora, em que conto quase vinte e dois, por três vezes o tenho corrigido; e até submetido a censura de pessoas doutas, e de conhecida filologia, como foi o Excelentíssimo Senhor S. Luiz, que me honrou a mim e a este opúsculo com suas correções. Mas todos estes cuidados não puderam (enquanto a mim) tirar-lhe o vício do nascimento.

Eis aqui a minha confissão geral. Os que me absolverem ficar-lhes-ei muito obrigado; os que não quiserem, paciência; não me mato por isso. Comecei esta obrinha por desenfado: acabei-a por divertimento: publico-a por amor das artes: se me criticarem, rio-me, e não fico mal com ninguém.

A QUEM LER

A Minha primeira ideia quando intentei esta coleção, foi dar ao público um extrato das melhores poesias de nossos clássicos. Refleti depois que não seria ela completa, porque alguns gêneros a que não trataram aqueles ilustres escritores: e em tão rica literatura como é a portuguesa, pena fora mostrar pouquidade e pobreza. Resolvi-me por esse motivo a sair dos limites clássicos. Mas ainda aparecia outra dificuldade: espécies há de poesia em que não escreveram senão autores vivos; aterrava-me a lembrança de haver de julgar e escolher obras que aguardam ainda o conceito da posteridade, quase sempre único tribunal reto das coisas dos homens, especialmente de matéria de gosto. Todavia o mesmo motivo de querer fazer esta escolha o mais completa que é possível, me determinou a arrostar essa outra escolha. Procurei nos escritores vivos cingir-me quanto racionalmente pude a mais geral opinião, escolhendo aqueles trechos que mais aprovados tem sido; observando pela minha parte a mais rigorosa imparcialidade que humanamente se pode. E sendo, como sou, alheio a toda disputa e rivalidade literária e poética, se alguma hora no decurso desta obra julgarem deslizei dessa proposta impassibilidade, peço que o atribuam a erro de meu juízo, não a propósito deliberado.¹

Queria eu também ao princípio conservar a cada escritor sua particular ortografia; mas a isso obstaram dois insuperáveis obstáculos. Primeiro – não haver, sobretudo nos clássicos, uma base boa ou má em que cada um deles fundasse a sua ortografia para se poderem regularizar as incalculáveis anomalias que se encontram em uma mesma obra, na mesma página às vezes. Segundo – que havendo sido muitas das obras de nossos poetas antigos e modernos publicadas póstumas, é impossível acertar com o verdadeiro sistema ortográfico deles. Esta impossibilidade aumentou ainda e se estendeu

¹ Muito tempo hesitei se daria lugar nesta coleção a um poeta (hoje morto) em quem de certo houve algum engenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto a língua, tão cinicamente violou o decoro do estilo, as mais indispensáveis regras do gosto e da boa

aqueles que apesar de publicarem suas obras em vida, caíram em mãos de novos editores todos ignorantes ou descuidados (nenhum conheiro, a quem fique mal o epíteto) que em vez de as melhorarem, estragaram e confundiram tudo. Ora de alguns desses não foi possível, por mais diligências que se fizeram, descobrir as primeiras edições, as quais, segundo observei, ainda assim, não serviriam de muito.

Acresciam a estes dois motivos a feia aparência que teria a obra que mais houvera ficado recosida manta de retalhos furta-cores, do que uma coleção de poetas da mesma língua.

Determinei, pois imprimir tudo com regular e geral ortografia; cujos princípios extrai do uso dos melhores clássicos, uso que nem sempre seguiram, mas que manifestamente se vê quiseram seguir; e são estes:

I. Conservar fielmente a etimologia quando se lhe não opõe a pronúncia.

II. Combiná-la com a pronúncia quando esta se opõe a inteira conservação daquela.

III. Nas palavras de raiz incógnita seguir o uso geral.

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

V. Não por acentos (agudo e circunflexo que são os únicos portugueses) senão onde a palavra sem eles se confundiria com outra. (Também me servi do agudo para marcar a diérese por não estar ainda adotado entre nós o sinal (..) que é bem necessário).

Julgo haver prestado algum serviço à literatura nacional em oferecer aos estudiosos de sua língua e poesia um rápido bosquejo da história de ambas. Quem sabe que tive de encetar matéria nova, que português nenhum dela escreveu, e os dois estrangeiros Bouterweek e Sismondi incorretissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da história literária de Portugal; avaliará decerto o grande e quase indizível trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia sê-lo. Além de que, a maior parte das ideias vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de tais limites para lhe dar o necessário desenvolvimento.

BOSQUEJO
DA
HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUESA

I

Origem de nossa língua e poesia

A Língua e a poesia portuguesa (bem como as outras todas) nasceram gêmeas, e se criaram ao mesmo tempo. Erro é comum, e geral mesmo entre nacionais, pela maior parte pouco versados em nossas coisas, o pensar que a língua portuguesa é um dialeto da castelhana, ou espanhola segundo hoje inexatamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Espanhas com o Grego, o Latim, com os bárbaros idiomas dos invasores do norte, e ao fim com o Arábigo, nasceram em diversas partes da Península diversíssimas línguas que nem dialetos se podem chamar geralmente, porque, além de não haver uma comum, de muitos deles é tão distinta a índole e tão oposta que se lhes não colhe semelhança.

Ninguém ignora hoje que o Provençal foi a primeira que entre as línguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca à perfeição. Das nações da Espanha, as mais vizinhas aquele crepúsculo de civilização primeiro melhoraram sua linguagem: mas também lhes coube igual sorte; nunca de todo se poliram. O Castelhana e o Português, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independência nacional, e vieram a completo estado de perfeição e caráter cabal de línguas cultas e civilizadas. O Biscaíno, Catalão, Galego, Aragonês, Castelhana, Português e outras mais foram e são ainda alguns distintos idiomas: porém só os dois últimos tiveram literatura própria e perfeita, linguagem comum e científica, tudo enfim quanto constitui e caracteriza (se é lícita a expressão) a *independência* de uma língua.

Grande semelhança há entre o Português e Castelhana; nem podia ser menos quando suas capitais origens são as mesmas e

comuns: porém tão parecidas como são pelas raízes de derivação; no modo, no sistema dessas mesmas derivações, na combinação e amálgama de idênticas substâncias e princípios se vê todavia que diversos agentes entraram, e que muito variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos pais, diversamente educadas, distintas feições, vários gênios, porte e ademão tiveram: há contudo nas feições de ambas aquele *ar de família* que a prima vista se colhe.

Este ar de família enganou os estrangeiros, que sem mais profundar, decidiram logo, que o Português não era língua própria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho, sobretudo entre franceses, que são o povo do mundo entre o qual (por filúcia de certo) menos conhecimento há das alheias coisas.

Sem dúvida é que a língua portuguesa começou com seus trovadores, únicos no meio do estrepido das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provável é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos de el-rei D. Diniz, que no remanso da paz de seu reinado protegeu e animou as letras, que ele próprio cultivou também.

II

Primeira época literária; fins do XIII até os princípios do XVI
sec.

D. João I o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma pátrio valente impulso, mandando usar dele em todos os atos e instrumentos públicos, que até então se faziam em Latim. Foi esta lei carta de alforria e de cidade para a língua que até ali vivera escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não só ao império romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tão desvairados povos.

Aqui se deve por a data da verdadeira aurora das letras em Portugal, que por singular fenômeno pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das ciências; por maneira que quando o romântico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o até ali conhecido, as ciências e as artes cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o sistema do universo.

Desde então até a morte de el-rei D. Manuel, tudo foi crescer em Portugal; artes, ciências, comércio, riqueza, virtudes, espírito nacional.

Muitas foram as produções de nossa literatura naquele século de glória em que Gil Vicente abriu os fundamentos ao teatro das línguas vivas, Bernardim Ribeiro poliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o gênero inculto dos romances² e seguiu (quase o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rústicos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da flauta de Sicília que nenhuma língua viva até então ouvira soar.

A natural suavidade do idioma português, a melancolia saudosa de seus números nos levaram à cultura deste gênero pastoril, em que raro poeta nosso deixou de escrever, quase todos bem, porque a língua os ajudava; nenhum perfeitamente; porque (ainda mal) deram as cegas em imitar Sannazaro, depois Boscan e Garcilasso, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tão bela, tão rica, tão variada se lhes apresentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo português, e das quais todas ou assunto ou lugar de cena tiraram nossos bucólicos. Nem deste geral defeito³ (o Máximo que por ventura se lhes nota) pode fazer-se exceção; senão for alguma rara em favor de Camões e de Rodrigues Lobo. O Tejo, o Mondego, os montes, os sítios conhecidos de nosso país e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se vê descrição que recorde alguns desses sítios que já vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmo populares; que daí vem à poesia o aspecto e feições nacionais, que são sua maior beleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais original em sua simplicidade, o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e numa ingênua ternura que faz suspirar de saudade, daquela saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tão longo padeceu, e tão bem pintou.

² Não no sentido de *novelas*, mas no que então se lhe dava.

³ Comum também nos outros gêneros de poesia, onde quer que entre o descritivo.

Foi seu contemporâneo Gil Vicente fundador do teatro moderno, de cujas obras imitaram os castelhanos; e delas se espalhou pela Europa o mau e o bom dessa irregular e caprichosa cena, que ainda assim suas belezas têm.

O próprio Gil Vicente não deixa de ter seu cômico sal, e entre muita extravagância muita coisa boa. Bouterweeck e Sismondi parece que escolheram o pior para citar; muito melhores coisas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação às comédias. A soltura da frase, e a falta de gosto são os defeitos do século; o engenho que daí transparece é do homem grande e de todas épocas⁴.

III

Segunda época literária; idade de ouro da poesia e da língua desde os princípios do XVI até os do XVII sec.

Com a morte de el-rei D. Manoel declinou visivelmente a fortuna portuguesa: certo é que as artes progrediram, que a língua se aperfeiçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não prometia longa dura assim sucedeu. D. João III colheu os frutos do que D. Manoel havia semeado; mas de lavras suas, nem ele nem seus sucessores viram colheita.

Uma coisa todavia que muita influência teve sobre a língua e literatura portuguesas e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das línguas clássicas, que na reforma da Universidade de Coimbra aumentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a língua, enriqueceu-se, adquiriu aquela solenidade clássica que a distingue de todas as outras vivas, seus períodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da eufonia grega; de um e de outro desses idiomas lhe vieram as muitas, e principalmente da grega, os muitos hipérbatos; com o que vai rica,

⁴ Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fruto de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

livre e majestosa por todas as províncias da literatura, que tem decorrido, não havendo aí gênero de composição, para o qual, ou por doce demais como o Toscano, não seja própria, - ou por muito áspera e guindada como o Castelhana, não se adapte, - por curta como o Francês, não se chegue, - por inflexível e ríspida como o Alemão e Inglês, se não amolde.

Claro é que a história, a oratória, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal aumento. Com elas todas medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porém desmereceu muito, demasiado na originalidade, no caráter próprio, que perdeu quase todo, na *nacionalidade*, que por muito pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poético, todas as imagens, todas as ideias; todas as alusões do tempo de Augusto ocuparam as mais partes da poesia; e muito pouco ficou para o que era nacional, para o que já tínhamos, para o que podíamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa arqueologia, do aspecto de nosso país, de nossas crenças populares, e enfim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pai da nossa poesia, um dos maiores homens de seu século, foi o poeta da razão e da virtude, filosofou com as musas, e poetizou com a filosofia. Seu muito saber, sua experiência, seu trato afável, e até a nobreza de seu nascimento, deram-lhe indisputada superioridade a todos os escritores daquele tempo, dos quais era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas daquela época a mesma espécie de império que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manoel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rimas de Dante e Petrarca: e desde aí quase se abandonaram inteiramente (exceto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim muito próprios são para certos assuntos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecassilabas a pureza, a correção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epístolas, que hoje são seu maior e quase único título de glória.

São de admirar suas comédias, e são notável monumento para a história das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escrito. Porém o teatro português

criado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia suportar uma revolução. As comédias de Sá de Miranda sem caráter nacional muito clássicas de mais não eram para reformá-lo: o mesmo direi, e o mesmo sucedeu às de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O efeito destas composições, aliás preciosas, foi funesto: os literatos enjoaram-se (e com razão) do teatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhorá-lo: o público preferia (e com razão também) o com que fora criado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares que bocejar e adormecer-se com as finuras de arte e correções dessas comédias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo espírito havia, menos o nacional.

Se houberam Sá de Miranda e Ferreira escolhido assuntos portugueses, se houberam pintado os costumes nacionais, e apresentado ao público, em vez de quadros italianos, um espelho em que ele visse a si e aos seus usos, e se risse de seus próprios defeitos; fico em que houberam reformado o teatro em vez de lhe empecer: e acaso gozaríamos ainda hoje em uma cena rica e abastada dos resultados desse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o teatro, das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traduções, que (as dramáticas sobretudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu, além disto, algumas éclogas bastante frias, vários sonetos geralmente de pouca monta. Um deles a morte de Leandro e Hero é excelente, mas castelhano, e por esse achaque não o inclui na escolha.⁵

Não posso deixar de querer mal a tão ilustre português pelo muito que escreveu nessa língua estranha; com que não só privou a natural do fruto de suas tarefas, mas fez maior dano ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a literatura, que nos defraudou de uma Diana de Monte-Maior, de tantas boas coisas mais, e ao cabo ia perdendo a língua.

Mas eis aí Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo aí esse português verdadeiro, ardente amator da

⁵ A. Rib. dos Santos traduziu este soneto em português e (coisa inexplicável em tal homem!) o deu por seu.

língua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o pátrio idioma com as produções do engenho e das artes. O profundo conhecimento dos clássicos gregos e latinos, o finíssimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da frase, as riquezas com que adornou a língua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os literatos e cortesãos (que, ao avesso de hoje, as letras viviam então quase só na corte) e fixaram determinadamente o gênero clássico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e daí, enriquecendo a língua, empobreceu a literatura, porque a avezou a esse hábito de copista; cancro que rói o espírito criador; alma e vida da poesia nacional. Tão cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quais hoje ninguém defende da nota de ásperos e duros (e muitos direi – errados) os fazia assim de propósito por querer usar das elipses gregas e latinas, a que repugna a índole de nossa língua, só toleráveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem ele. Este desagradável defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensível nas dicções que tem final no que chamamos (mal ou bem) ditongos nasais de [ão], e muito mais quando nele é o acento predominante da palavra.

Os sonetos são frios, desengaçados; nas éclogas há belezas muitas e muito grandes, mas espalhadas: nenhuma destas composições tomada por si pode merecer o nome de bela. Porém das odes, há delas que são puramente horacianas, e se lhes falece a elevação (que não era esse o gênio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegância e a adornada filosofia, que não agradam menos, nem de menos valor e mérito são que os êxtases pindáricos, ou os requebros anacreônticos. O que é sem dúvida é que nas línguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horácio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lira clássica. Das epístolas, há algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lírico romano. Quanto à pureza da moral, ao nobre patriotismo, àquele generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, àquele entusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira Glória de Ferreira é a Castro, produção admirável por si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda líquido entre os filólogos se

era possível o ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissimo, que muito poucos anos antes da Castro apareceu: mas é sem a mínima questão reconhecida a superioridade da tragédia portuguesa à italiana: pasma como sem ver um teatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, pudesse Ferreira tratar tão delicadamente um tal assunto em um gênero desconhecido da antiguidade. É notável a primeira cena da Castro, a cena de el-rei e dos cavaleiros no ato II., a do ato III. Em que o coro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquela pergunta de Ighes: "É morto o meu senhor, o meu infante?" rasgo de sublime, porém de um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille pode comparar-se; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não tem que invejar aos tão gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragédia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da cena de então tem ela defeitos: não haver uma cena em que se encontrem Pedro e Ighes, não haver algum esforço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de ação e lhe entibiam o interesse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedais e impados com que hoje está pervertida a cena portuguesa) peca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bela; e para bons entendedores muito há que estudar; e oxalá que os nossos dramáticos lessem e relessem bem a Castro, e aprendessem ali, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes falecem.

Não estava ainda neste auge a poesia portuguesa quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas já celebre por suas aventuras e valor, foi para tão longe da ingrátissima pátria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome português quando já ele houver desaparecido da terra. Muita erudição (pois sabia quanto se soube em seu tempo), engenho dos que vem ao mundo de séculos a séculos se reuniram em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades da Ásia, e viu tudo pequeno a roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com, as línguas modernas ainda mal perfeitas, escravos da imitação clássica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas idéias, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e força para executar um rasgado e necessário atrevimento de se abrir caminho novo, de criar enfim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas à

Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das línguas vivas.

Não me dá espaço o acanhamento de meus limites para dizer de Camões o que era indispensável; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar lugar a tratar de menos conhecidos nomes. Só direi que a influência de Camões na nossa poesia, e em toda a literatura portuguesa foi tal que desde então até hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas épocas em que mais desvairados tem andado nossos poetas com as empoladas do *gongorismo*, ou mais lunáticos com os esfusioses do *elmanismo*. Quase que não houve gênero de poesia que não tratasse: tem sonetos admiráveis; églogas (sobretudo as primeiras) excelentes; mas principalmente de todas as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, gênero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de prova e exemplo aquela que começa- "Junto d'um seco duro e estéril monte." Dos *Lusíadas*, de suas belezas e defeitos, das controvérsias sobre umas e outros, está cheio o mundo literário.

Contemporâneo de Camões e ousado também como ele a encetar a carreira épica foi Jerônimo Cortereal. O *Cêrco de Diu*, que é notável monumento literário, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Itália* do Trissino, é uma fria narração, em que há belas idéias aquém além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E contudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descritivo; e criou ele acaso esse gênero de que tanto blasonam hoje ingleses, alemães, e até franceses, e que todavia nós tínhamos séculos antes deles. Já no *Cêrco de Diu* há muitas boas descrições: mas no naufrágio de Sepulveda há delas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação e de mau gosto, entre aqueles insípidos requebros de Pan e de Protheu aparece todavia a morte de D. Leonor que é um trecho da mais bela poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floresceram é na minha opinião o menos poeta esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amizade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegância por partes de suas composições: epigramas, são alguns excelentes.

Sobreviveu a todos estes e à pátria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado por D. Sebastião para testemunhar seus autos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu cativo em África. Pondo de parte a questão das éclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa) a qual, ainda que própria do lugar, é muito longa para os meus limites; Bernardes foi excelente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estilo, certa melancolia de expressão que lho requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um lugar muito distinto na poesia portuguesa.

Mas já a nação se perdera nos areais de África, já a glória portuguesa estava ofuscada; com ela foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faíscas do grande luzeiro que se apagara; mas já não eram senão faíscas.

Ainda Luis Pereira deplora na *Elegíada* a ruína da pátria, mas esse canto fúnebre é quase o canto de cisne da poesia nacional, que parece querer fenecer com ele, e já nele moribunda se mostra. Há excelentes oitavas derramadas por esse poema, algumas descrições felizes, grandíssima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Já Fernão Alves do Oriente difuso, intrincado nos primeiros labirintos dos *conceitos* italianos mostra a visível decadência da poesia: já as musas que tão louças, e ingenuamente belas tinham folgado pelas várzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, aparecem afeitadas com arrebiques e cores falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem ainda suprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas, e postiças. E todavia há na Lusitânia transformada pedaços líricos excelentes, e alguns bucólicos sofríveis. Assim ele nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse: assim houvesse enriquecido a literatura com mais imagens de tantas que sua Ásia lhe oferecia, e com que houvera aditado a mãe pátria. Onde o fez, naquela écloga em que conta a história de Saladino, é ele verdadeiramente poeta; e se daí tirarem alguns trocadilhos que tinha aprendido em Itália, excelente e digno de imitar-se é o resto.

Terceira época literária; principia a corromper-se o gosto e a declinar a língua. – Começo, até o fim do XVII séc.

Porém os sintomas do Gongorismo e Maneirismo se manifestavam já em Itália e Castela; não perfeitos ainda, não no auge a que os levaram os dois poetas, aliás engenhosos, cujo nome vieram a tomar; mas já assim mesmo a poesia moderna estava toda gafa dessa lepra de soberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar é depois de Camões, nosso primeiro épico, aí tem já em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia desse defeito, que todavia é nele ainda raro. Mas que belezas tem esse tão mal avaliado Affonso Africano, a que a cegueira e o mau gosto tem querido preferir a quixótica e sesquipedal Ulisseia, a hiperbólea e campanuda Malaca! Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a ação toda não muito bem deduzida; mas que riquíssimos episódios a enfeitam! A descrição de Zara, o jardim encantado onde aporta o príncipe D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o selo da verdadeira poesia, e animados da luz que só dá o engenho. Quanto ao estilo, é com poucas exceções fluido e elegante; custa a achar em tão longo poema uma rima forçada ou má: e a mesma linguagem, suposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

Desta época é também Rodrigues Lobo, cujo grande lugar como prosista não é aqui próprio de examinar: de seu merecimento poético a comum opinião tem com justiça decidido dando-lhe uns dos primeiros (eu quisera o primeiro) lugar entre os bucólicos antigos; e outro muito diferente e inferior entre os épicos. E certo o Condestabre, apesar de muitos e bons pedaços descritivos, é frouxa e morna composição. Que diferente era a flauta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcíssima flauta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe falecem natureza e arte! Seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do canto, não lhes saem pelos golpes do pelico as alfaias da cidade, tão mal encobertas pelos outros bucólicos, os quais, sem exceção do próprio Camões todos pecam por muito sabidos e letrados, por discretos e galantes mais que soem ser aldeãos e pastores.

Além disso há derramados pela Primavera, Pastor peregrino, etc., pedaços líricos de suma beleza, romances excelentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tínhamos perdido a independência; perdemos logo o espírito nacional, o timbre, o amor pátrio (que amor da pátria poderá haver em quem pátria já não tem!); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos desonrados avós a desprezar seu próprio riquíssimo e tão suave idioma, para escrever no gutural Castelhana, preferindo os sonoros helenismos do português às aspiradas aravias da língua dos tiranos. Vergonha que só tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a língua e a fama os tarellos, francelhos, gallici-parlas e toda a caterva dos gallo-manos!

Em Castelhana escreviam já esses degenerados portugueses: mas pouco importava que o fizessem, que nisso fraca perda tivemos nós: de toda essa safra de versos castelhano-portugueses pouco ou nada há que espremer.

Desta comum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira do Castro, que depois de ter aberto na jurisprudência um caminho novo e naquele tempo tão difícil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a *Ilíada* e *Odisseia*; que tanto abraça o assunto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuída as partes, regularíssimo o todo, regular e bela a ação, bem entendidos os episódios; mas o estilo...o estilo é, protótipo da *Fênix-renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarca foi entre nós, pervertendo-nos, à sombra de uma grande fama e brilhante engenho, todo on resto escasso que de gosto tínhamos ainda, intrincando a poesia (senão que também a prosa por mau exemplo) num *dédalo* inextricável de conceitos, de argueias, de exagerações, de afetada sublimidade, falsa e vã grandeza; com que todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande escola de Camões e Ferreira que tantos e tamanhos alunos havia produzido. E supunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as queixotadas da sua *Ulisseia* as naturais belezas dos divinos *Lusíadas*!

Quase o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior engenho, seguiu Sá de Menezes na *Malaca*. Esse poema que tanto tem engrandecido o mau gosto, é na minha opinião um dos derradeiros títulos de glória da literatura portuguesa. E todavia é bem

regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poética. A fala de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lúcifer em Milton. Porém quando agitado o poeta do gênio mau que avexava e endemoninhava os poetas de então, começa a guindar-se, a transpor os derradeiros limites da naturalidade; esquece todo o deleite que algumas estâncias mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desemparar a dura tarefa de tão incomoda leitura, porque verdadeiramente incomoda e cansa tal estilo, tal frase, tanto hiperbólico luxo e destemperado alambicar.

V

Quarta época: idade de ferro; aniquila-se a literatura, corrompe-se inteiramente a língua- fins do XVII, até meados do XVIII séc.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei que grande entre todas essas nuvens de talco; talvez lhes viesse dos assuntos: porém se os discípulos que ainda quiseram ir avante, deram em fazer silvas, acrósticos, e engendraram todos os outros monstros (originários, segundo Diniz, do país das bagatelas) e destilando mais e mais as quintas essências dos conceitos, tanto torceram e retorceram o já delgado fio poético, que de todo o quebraram. Só Manoel da Veiga o atou momentaneamente em uma ou duas liras da Laura de Amphriso. Logo tornou a estalar: e por aí andaram as pobres musas portuguesas jogando as cabras-cegas pelas églogas do Poliphemo e Galatea, pelos romances hendecassílabos, e por todos outros esconderijos do gosto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da Fênix-renascida e alguns outros hoje ignorados livros dessa triste data.

E todavia já nós tínhamos recobrado tão gloriosamente nossa independência, já o nome português tornara a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dois grandes escritores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação deste mal. Quem podia deixar de admirar Vieira? Quem não iria levado pela torrente da sua

eloquência? Quem resistiria aos ímpetos de arrebatamento de Jacinto Freire? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido engenho de Vieira sobre tudo, fizeram grande dano à literatura: sabiam, escreviam perfeitamente a língua, tinham grande crédito na corte, tratavam grandes assuntos, animavam o nobre e sincero entusiasmo da glória e liberdade nacional: tudo foi após eles; imitaram-lhes vícios e virtudes: como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande filósofo do gongorista afetado (quando o era) não estremavam em Jacinto Freire o historiador, o panegirista do declamador, do acadêmico vão; ruim e bom seguiam. E como é mais fácil imitar a afetação, que a naturalidade, as argúcias de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram além de seus tipos no afetado, no mau deles, ficaram imenso aquém do que nesses era belo e para imitar.

Nem o conde da Ericeira que traduziu a Arte poética de Boileau e dele levou tão imerecidos e banais elogios, tomou dela triaga bastante para se curar do veneno comum: e ainda assim melhor é sua frigida Henriqueida que os outros versos que por então se faziam em Portugal: porém o único olho que o fez rei em terra de cegos, não lhe era bastante para ver o acertar com a vereda da posteridade. Aí morreu no seu século e jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomânico.

As academias de historia, de literatura do tempo de D. João V, as associações ridículas de todos os nomes e descrições que então se formaram, a mais e mais empeioraram o mal, que progressivamente cresceu até o ministério do Márques de Pombal.

VI

Quinta época: restauração das letras em Portugal - Meio do século XVIII até o fim

A civilização e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após elas vem em seu mercado período, as fora apagando, ou enevoando ao menos, na mesma direção. De sorte que pelos fins do século XVII o meio dia, que havia sido berço da ilustração da Europa, quase se enoitava das trevas da

ignorância, as quase pareciam voltar como em *reação* para ponto de onde partira a primeira *ação* da luz que as dissipara.

O norte, que mais tarde se havia alumiado, progredia no entanto: as boas letras, as artes, as ciências floresciam na Inglaterra e por quase toda a Alemanha. Milton, Descartes, Newton e Linneu brilharam ao setentrião da Europa; e nós meridionais estudávamos as *cathegorias* e as *summas*, aguçávamos distinções, alambicávamos conceitos, retorcíamos a frase no discurso, torcíamos a razão no pensamento.

Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a política e os preconceitos erguiam entre povo e povo quase desapareciam; as mútuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quase indispensável precisão as permutações do comércio; e o comércio fraternizou as nações.

Reciprocamente se estudaram as línguas, generalizou-se esse estudo: então é que exatamente os sábios começaram a ser de todos os países: os bons livros pertenceram a todas as línguas; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exaço obteve e mereceu o nome de república das letras, a qual é uma universal, e sem perigo de chisma.

Os efeitos desta alteração no modo de existir do universo foram sensíveis: as luzes não só reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se difundiram gerais. A França viu então o século de Luiz XIV; Itália deixou santo Tomás e os *concetti* por melhor filosofia e melhor gosto; Espanha teve o seu Carlos III; e Portugal no reinado de el-rei D. José subiu à altura dos outros povos, senão é que em muitas coisas acima.

E ainda na reforma da universidade não tinham aparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portugueses que dali expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua ultima cidadela da Europa, e já a razão e o gosto recobravam seu império na literatura; já as odes do Garção, as obras do padre Freire e de outros ilustres filólogos haviam afugentado *as silvas*, *os acrósticos*, e os campanudos períodos do conde da Ericeira, regenerada a poesia e restituída a língua.

Outra vez ainda o limitado deste bosquejo me impede de mencionar outros engenhos que tanto mereceram da pátria e da

literatura e remoçaram a perdida língua de Camões. Exige o meu assunto e o meu espaço que me estreite no círculo poético.

Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas pode ser legitimada portuguesa) de mais *fino tato* que entre nós apareceu até agora. Haverá em outros mais fogo, outros ferverão em mais entusiasmo, criarão acaso mais, porém a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingênua, nunca lhe desvairou: em suas composições há delas onde a mais aguçada crítica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido, umas das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao gênero lírico, especialmente ao Horaciano; e nesse ninguém o excedeu, antes ninguém o igualou. A ode à virtude, a que se intitula o Suicídio (que pela primeira vez sai a lume nesta coleção) outras muitas que longo fora enumerar, são de uma beleza, de uma correção, de um *acabado* (como dizem os pintores) que dificilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém menos pura torrente. Enquanto lírico, tem rasgos pindáricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e elas entre si pecam amiúde de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impôs, o acanhou a isso. Mas nas anacreônticas é ele sem disputa o primeiro poeta português, e digno rival do ancião de Teios. No gênero bucólico também nos deixou muito bonitas coisas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira coroa poética do Diniz Thalia lha teceu, que não outra musa. O *Hyssope* é o mais perfeito poema herói-cômico de seu gênero⁶ que ainda se compôs em língua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o Lutrin; no desenho da obra, na regularidade do edifício, na imaginação, foi o discípulo de Boileau muito além de seu grande mestre: e com mais exação se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presunçosamente disse Voltaire: que se a imitação daquele fizera este, a sua melhor obra era essa. O palácio do gênio das

⁶ Digo de seu gênero, porque Orlando furioso também é herói-cômico, mas de outro gênero.

Bagatelas, a conversa do deão na cerca dos capuchos, a ressurreição e vaticínio *do gallo assado*, a caverna d'Abracadabro serão, enquanto houver gosto, estudados como exemplar pelos literatos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a pátria com miséria e fome as imensas riquezas que para a língua e literatura de seus versos herdou. Um pobre cabeleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com elas honrou nunca tiraram do triste ofício, pode de sua baixa condição social alevantar-se do primeiro grau literário, que acaso lhe disputam ignorantes ou presunçosos, nenhum homem do gosto deixará de lho dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucólico: tomo a liberdade de contrastar a opinião comum, porque o meu dever de crítico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fé quiserem entrar no exame) que imensa cópia de composições pastoris, as quais não são riqueza, mas desperdício de nossas musas, ou pecam por empoladas, por inverossímeis, por baixas, por demasiado naturais, por sobejo elevadas. Um meio termo difícilimo de tocar, de nele permanecer, um estilo singelo como o campo, mas não rústico como as brenhas, são dos mais difíceis requisitos que de um poeta se podem exigir. Se tem engenho, custa-lhe a moldar-se e a retê-lo que não suba mais alto que a difícil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e cavalheiros o que começara no monte ou na várzea entre pastores e serranas.

Nem Virgilio dali escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu gênero pastoril; mas a boa e honrada crítica fala em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regozijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de tais nunca falou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou sublime. Filinto, que os sabia de cor, também se levantou acima das regras, e nunca foi tamanho. E todavia foi ele o maior poeta de seu século: mas os grandes engenhos não contraveem a lei, são superiores a ela, e são eles viva lei.

Muito distinto lugar obteve entre os poetas portugueses desta época Claudio Manoel da Costa: o Brasil o deve contar seu primeiro poeta⁷, e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excelentes, e rivalizou no gênero de Metastasio, com as melhores canções do delicado poeta italiano. A que dirige à lira com sua palidonia imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio à Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, pode-se apontar como excelente modelo. Nota-se em muitas partes dos outros versos dele vários resquícios de *gongorismo* e afetação *seiscentista*.

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Muito havia que a tuba épica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramuru, o assunto não era verdadeiramente heróico, mas abundava em riquíssimos e variados quadros, era vastíssimo campo sobretudo para a poesia descritiva. O autor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a Harmonia de seu canto; mas de leve o fez: só se estendeu nos menos poéticos objetos; e daí esfriou muito do grande interesse que a novidade do assunto e a variedade das cenas prometia. Notarei por exemplo o episódio de Moema, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que belíssimas coisas da situação da amante brasileira, da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros painéis?

O estilo é por vezes afetado: lá surdem aqui e ali seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas, ainda sublimes.

⁷ Em antiguidade.

Depois de Diniz o lugar imediato nos anacreônicos pertence a outro Brasileiro.

Gonzaga, mas conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marília, cuja beleza e amores tão célebres fez naquelas nomeadas líras. Tenho para mim que há dessas líras algumas de perfeita e incomparável beleza: em geral a Marília de Dirceu é um dos livros a quem o público fez imediata e boa justiça. Se lhe houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, só me queixaria, não o que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quisera eu que em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou. Oh! E quanto não perdeu a poesia nesse fatal erro! Se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virginia de Saint-Pierre, sentar-se a sombra das palmeiras, e enquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a púrpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, - que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu escamoso, - ela se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porém dos roxos martírios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhara com sua natural graça o ingênuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sem sensível cantor da infeliz Lindoia que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. O *Uruguai* de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais muito bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema, não lhe desse mais amplidão, e quadro tão magnífico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desapareceriam algumas incorreções de estilo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é beleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito há que os nossos autores desampararam o teatro: eis aí o faceto Antonio José, a quem muitos quiseram apelidar Plauto português e que sem dúvida alguns serviços tem a esse título, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes

dramas algumas cenas há verdadeiramente cômicas, alguns ditos de suma graça; porém essa degenera amiúde em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas, e de certo o assunto é eminentemente cômico e português: hoje teria todo o mérito de uma comédia histórica: e se fora tratada no gênero de Beaumarchais, produziria uma excelente peça.

VII

Época, segunda decadência da língua e literatura: galicismo e traduções

À volta este tempo se formou a academia das ciências de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões. Esse corpo científico, de quem tanto bem se augurou para a língua e literatura nacional, nem fez tudo o que dele se esperava, nem uma parte muito pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inútil, nem, como alguns tem querido, prejudicial. E todavia sua força moral não foi bastante para vencer um mal terrível que já no tempo de sua criação se manifestava, mas que depois, cresceu e avultou a ponto, que veio a tornar-se quase indestrutível.

Este mal foi a *galomania*, que sobre perverter o caráter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem: frases bárbaras repugnantes à índole do idioma, termos híbridos, locuções arrastadas, sem elegância, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as províncias das letras. Estudar a língua materna, como aquela em que se falamos e escrevemos, é dos mais difíceis estudos, há mister longa e porfiada aplicação. Que bela invenção para a ignorância e para a preguiça não foi esta nova linguagem mascavada e de furtacores, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tão plena liberdade de consciência! Foi a religião de Mafoma: propagou-a, a incontinência, a soltura, o desenfreado do apetite. Desprezaram-se os clássicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cãs dos nossos mestres, saíram então com o banal e ridículo pretexto de que ninguém podia lê-los pelas

matérias que trataram; que tudo eram sermões, vidas de santos, histórias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Com quê as décadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estilo clássico na história moderna, são crônicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos da Ásia, são vidas de santos? E dessas mesmas vidas de santos, quantas delas são de sumo interesse, divertida e profícua leitura? A vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires tem toda a valia das mais gabadas memórias históricas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguém taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquele excelente livro senão a narração do concílio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, já seria ele uma das mais curiosas e importantes obras do século XVI. E D. Francisco Manoel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os gêneros, - tudo isso são sermonários, vidas de santos?

Miséria é o que o geral dos portugueses jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calúnias pregavam: passou em julgado que os clássicos não se podiam ler, e ninguém mais quis tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

Neste estado de coisas apareceram em Portugal dois homens extraordinários, ambos dotados pela natureza de prodigioso engenho poético, Francisco Manoel e Bocage. Aquele, filho da escola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas clássicas, e já imbuído no gosto da antiguidade, já imitador e rival de Horácio e Píndaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quase desde a infância poeta, apareceu no mundo em toda a efervescência dos primeiros anos, ardente cantor das paixões, entusiasta, agitado do seu próprio natural violento, rápido, insofrido, sem cabal instrução para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

Ambos começaram imitando os grandes mestres de seu tempo seguindo cada um em seu gênero o estilo e gosto adotado e geral desde a restauração das letras no meado do século. Mas não são engenhos grandes para seguir, se não para fundar escolas: nem tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo jugo da imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo teatro das glórias portuguesas, voltando da Ásia foi recebido em

Lisboa entre os aplausos dos muitos admiradores que já tinha deixado na viril infância de seu talento poético. Argumentou-se esta admiração com os novos improvisos do jovem poeta, com a extrema facilidade, com o muito sonoro de seus versos. O fogo de suas ideias ateou o entusiasmo geral; a mocidade se inflamou com o nome de Bocage: de entusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viam já defeitos; menos ele em si mesmo. Ninguém duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes diversos do século de João III e do de José I . Esta era a opinião comum da mocidade; e tão geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objeto de tal idolatria, que força era que a acreditasse, que com ela se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritável e ardentíssimo de Bocage o levava naturalmente às hipérboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou nelas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginários de sua criação fantástica, abandonou a natureza, e a supôs acanhado elemento para o *gênio*. Mais ele repetia *eternidades, mundos, céus, esferas, orbes, fúrias, gorgonas*; mais dobrava o aplauso; mais delirava ele, mais o admiravam. Ao cabo, nem ele a si, nem os outros a ele o entendiam.⁸ A par e passo que as ideias desvairavam, desvairava também o estilo, e enfim se reduziu a uma continuada antítese, perpétuos trocadilhos, *tours-de-fource*, pulos, saltos, rompantes, castelhanadas, com que se tornou monótono e (usarei uma expressão de pintor) *amaneirado*.

A metrificação de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade; eu a pior; ao menos, a que piores efeitos causou. Não fez ele um verso duro, mal soante, frouxo, porém não são esses os únicos defeitos dos versos. As várias ideias, as diversas paixões e afetos, as distintas posições e circunstâncias do assunto, do objeto, de mil outras coisas, - variada medida exigem, como exige a música vários tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, - o mesmo tom, embora afinado, - a mesma harmonia embora perfeita, - o mesmo compasso, embora exato, fazem monótona e insuportável a mais bela peça de música ou de poesia. E tais os versos de Bocage,

⁸ Assim lhe sucedeu, principalmente em muitos dos, por natureza e essência. Hiperbólicos elogios dramáticos: gênero de composição extravagante e quase sempre ridículo.

que nos pretendem dar para tipo seus apaixonado cegos: digo *cegos*, porque muitos tem ele (e nesse número que conto!) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mecânico das vozes a harmonia íntima da ideia, suprir com as vibrações que só podem ferir a alma pelo órgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as cores, as formas dos quadros naturais, eis aí a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras belas artes: mas quão difícil é perceber e executar esse delicadíssimo ponto! Poucos o conseguiram: Francisco Manoel foi entre nós o que mais finamente o entendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porém nos intervalos lúcidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, em alguns instantes que, despossesso do demônio das hipérboles e antíteses, ficava seu grande engenho a sós com a natureza e em paz com a verdade, então se via a imensidade dessa grande alma, a fina têmpera desse raro engenho que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo os costumes desregrados, a miséria, a dependência, a soltura, a fome. Muitas epistolas, vários idílios marítimos, algumas fábulas, e epigramas, as cantatas, não são medíocres títulos de glória. Dos sonetos há grande cópia que não tem igual nem em português, nem em língua nenhuma, de uma força, de uma valentia, de uma perfeição admiráveis. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; às vezes fácil, mas em geral escassa. Sabia pouco a língua; a força do grande instinto lhe arredava os erros; mas as belezas do idioma, só as dá e ensina o estudo. As traduções de Ovídio Delille e Castel são primorosas.

Mas de traduções estamos nós gafos: e com traduções levou o ultimo golpe a literatura portuguesa; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros de artes, de ciências é necessário, é indispensável; obras de gosto, de engenho, raras vezes convém; é quase impossível fazê-lo bem, é míngua e não riqueza para a literatura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz acomoda-as ao caráter nacional, dá-lhes cor de próprias, e não só veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionais (como o tradutor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e índole nacional: assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a *Ilíada*, Camões a *Eneida*, Tasso os *Lusíadas*, Milton a *Jerusalém*, Klopstock o *Paraíso Perdido*; nenhum deles fora tamanho poeta, nenhuma dessas línguas

se enriquecera com tão preciosos monumentos: e todavia imitaram uns dos outros, e dessa imitação lhes veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do público, que não só lhe não agradavam, mas quase não entendia os bons originais portugueses: a poesia, a literatura nacional reduziu-se a monótonos sonetos, a trovinhas de amores, a insípidas enfiadas.

De versinhos anões a anãs Nerinas

Tão baixos nos puseram os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a crítica estigmatizou com o nome de *elmanistas*, - e de *elmanismo* sua afetada escola. Neles se mostraram exagerados os defeitos todos do entusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns há contudo de quem esta asserção não deve entender-se em todo o rigor da frase. João Batista Gomes, autor da *Castro*, mostrou nela muito talento poético e dramático. Dentre os bastos defeitos dessa tragédia sobressaem muitas belezas. Desvaira-o o *elmanismo*. Derrama-se por madrigais quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, força e naturalidade; perde-se em declamações, extravagava em lugares comuns, inverte a dicção com antíteses, destrói toda a ilusão com versos amiúde sesquipedais e entumecidos; mas por meio de todas essas névoas brilha muita luz de engenho, muita sensibilidade, muita energia de coração; predicados que com o estudo da língua que não tinha, com a experiência que lhe falecia, triunfariam ao cabo do mau gosto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Batista Gomes o nosso melhor trágico. Atalhou-o a morte em tão ilustre carreira, e deixou órfão o teatro português que de tamanho talento esperava reforma e abastança.

Mas enquanto Bocage e seus discípulos tiranizavam a poesia e estragavam o gosto, Francisco Manuel, único representante da grande escola de Garção, gemia no exílio, e de lá com os olhos fitos na pátria se preparava para lutar contra a enorme hidra cujas inúmeras cabeças eram o galicismo, a ignorância, a vaidade, todos os outros vícios que iam devorando a literatura nacional.

A sua epístola sobre a arte poética e língua portuguesa, pode rivalizar com a de Horácio aos Pisões: força de argumentos, eloquência da poesia, nobre patriotismo, finíssimo sal da sátira, tudo ali peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha íntima persuasão é que nunca língua nenhuma subiu tão alto como a portuguesa na lira de Francisco Manuel. Que há em Píndaro comparável à ode a Afonso d'Albuquerque? Onde há poesia sublime, elegante, imensa como seu assunto, na dos novos Gamas? Se o patriotismo falasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia ele dizer-lhes igual àquela inestimável ode que se intitula *Netuno aos portugueses*? E quando a liberdade troa na espada de Washington, submete os raios de Júpiter ao cetro dos tiranos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Penn os laços de fraterna união! Que imenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objetos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Márcia *voltando inopinada*, no hino à noite se requebra em amoroso júbilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de estilo, de delicadeza, de inimitável poesia. No gênero Horaciano não é ele tão puro e perfeito como Garção, mas nem entendeu menos nem imitou pior o seu modelo.

Entre as epístolas há muitas admiráveis: dos contos e das fábulas, alguns como elegante sal e chiste. As traduções do Oberon de Wielland, da Guerra púnica de Silio Itálico, mas sobre todas, a dos Mártires de Chateaubriand, são tesouros de linguagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços à língua portuguesa: só por si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ela, muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tão rico e belo, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal há quem estude os clássicos, quem não se envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, às invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos últimos períodos de sua longa vida afrouxaram as enérgicas faculdades deste grande poeta, e exceto a tradução dos Mártires (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quase tudo o mais que fez é tívio e morno como de octogenário se podia esperar. O nímio temor de cometer galicismos, a que tinha justo e santo horror, o fez cair em arcaísmos e afetação demasiada de palavras

antiquadas e excessivos hipérbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tamanhas como o pregou a inveja e a ignorância.

Muito honrosa menção deve a história da língua e poesia portuguesa a Domingos Maximiano Torres, cujas éclogas rivalizavam com as de Quita e Gessner, cujas cançonetas são, depois das de Cláudio Manuel da Costa, as melhores que temos. Foi este muito íntimo de Francisco Manuel, mas tenho por muito exagerados os elogios que dele recebeu.

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portuguesa, foi imitador e êmulo de Ferreira: poucos engenhos, poucos caracteres, poucos estilos há tão parecidos; se não que o autor dos coros da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metrificador. Esta ode ao infante sábio, algumas outras a vários heróis portugueses, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe ditava a amizade para o seu Almeno, são de uma elegância e pureza de linguagem raríssima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionário de Bracannes, que traduziu os primeiros livros das metamorfoses de Ovídio em excelente, riquíssimo, puríssimo português, mas em maus versos: e ainda assim, alguns deles são felizes: é de estudar, de versar com mão *diurna* e *noturna* esse começo de tradução para quem quiser conhecer as riquezas de uma língua que compete, emparelha, vence às vezes, a sua própria mãe latina.

Duas ou três odes deste virtuoso e erudito padre são muito bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu gênero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de retórica. E de suas sátiras ninguém se pode escandalizar; começa sempre por casa e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de crítico me tem obrigado a analisar, único é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nosso escritores. Aquele *bilhar*, aquela *função de burrinhos*, aquele *chá*, aquelas despedidas *ao cavalo deitado à margem*; o memorial ao príncipe, o presente do *perum*, são

belezas que só não admirarão atrabilários zangãos em perpétuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingênuo gosto da natureza.

De José Anastácio da Cunha, que das matemáticas puras nos deu o melhor curso que há em toda a Europa, desse infeliz engenheiro (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediam as retas de Euclides, nem as curvas de Arquimedes de cultivar também as musas, de tão ilustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me pesa da raridade de suas poesias? Todas são filosóficas, ternas e repassadas de uma tão meiga sensibilidade algumas, que deixam na alma um eco de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos. Todavia há mister lê-lo com prevenção, porque (provavelmente estropeada de copistas) a frase nem sempre é portuguesa de lei.

O padre A. P. de Sousa Caldas, brasileiro, é dos melhores líricos modernos. A poesia bíblica, apenas encetada de Camões na paráfrase do salmo *super flumina Babylonis*, foi por ele maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima neste gênero.

A cantata de Pigmalião, a ode O homem selvagem são excelentes também.

Aqui me cai a pena das mãos: o estádio livre para a crítica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercê-la sem temor, nem o faria ainda assim, pois não quisera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade, quase sempre anuladora de juízos contemporâneos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizível prazer que me deu o poema do Passeio do Sr. J. M. da Costa e Silva, cuja existência tinha a infelicidade de ignorar (tão pouco sabemos nós portugueses das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não for na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *elmanismo*. Quanto a mim, folgo de me lisonjear com a esperança que seu autor lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema desse gênero.

Apesar dos motivos referidos, pedirei uma vênua mais para mencionar como um poema que faz suma honra ao nome português,

a Meditação do Sr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz de entendê-la. Não sei eu se ela tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, cópia de doutrina, frase portuguesa, e grandes ideias, só lho negará a cegueira ou a paixão.

Cita-se com elogio o nome do Sr. J. F. de Castilho, jovem poeta que se despica da injúria da sorte que o privou da vista, com muita luz de engenho poético.

Os *ditirambos* do Sr. Curvo Semedo, as odes do Sr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do público: os apólogos do Sr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As *Geórgicas* do Sr. Mozinho d'Abulquerque que fizeram a reputação poética de seu benemérito autor, alguns lhe acharam demasiada erudição, e queriam mais poesia e menos ciência. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao ilustre poeta, em nome da literatura portuguesa, que na segunda edição de sua tão útil obra não desdenhe de aproveitar os muitos e riquíssimos ornatos que habilmente pode tirar de nossas festas rurais, de nossas usanças (como freiras, serões, desfolhas, etc.), das descrições de nosso formoso país; com que decerto fará mais nacional e interessante seu estimável poema. Não sei também se alguma incorreção tipográfica ou de cópia, seria origem de várias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos (e em tal matéria é forçoso sê-lo) lhe notam.

Tudo isso esperamos os portugueses que nos vangloriamos de sua excelente obra, vê-lo melhorado na próxima edição que já reclama o público impaciente.

A literatura portuguesa não mostra presentemente grandes sintomas de vigor: mas há muita força latente sob essa aparência; o menor sopro animador que da admiração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.

FIM

Texto transcrito pelas acadêmicas Cristiane Martos Pires, Priscila Schwartz e Raquel Maria Ries do curso de Licenciatura em

Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar de O Retrato de Vênus, digitalizado e oferecido pela Digital Library of the University of Toronto, cuja ficha se reproduz a seguir:

Título: Garrett, Almeida. *O Retrato de Vênus e Estudos de História Litterária*. 3ª. Edição. Porto: Ernesto Chardron Editor, 1884.

Local de Publicação: Porto, PORTUGAL.

Ano de Publicação: 1884

Descrição Física: p. 1 - 235

Idioma: Português

Patrocínio: University of Toronto – Presented to the Library of the University of Toronto by Professor Ralph G. Stanton.

Direitos: Domínio público

Assunto:

Poesia

Crítica Literária

Ensaio Literário

URI: <http://www.archive.org/details/1884oretratodeve00alme>

Tipo: Livro